

ANÁLIA FRANCO



Uma mulher perigosa

No dia 1º de fevereiro de 1856, nasce em Resende, no Rio de Janeiro, Anália Emilia Franco. Aos 16 anos, trabalha como professora primária assistente da própria mãe nessa cidade, mas é em São Paulo que se diploma no curso de formação de professores primários, mais conhecido na época como Escola Normal.

Já se destacava como literata, jornalista e poetisa, quando, por ocasião da Lei do Ventre Livre, em 1870, toma conhecimento de que os nascituros de escravas estavam previamente destinados à "roda" da Santa Casa de Misericórdia. Impróprios para o trabalho e não mais, como até então, negociáveis com seus pais, os negrinhos libertos pela lei perambulavam, mendicantes, pelas estradas e pelas ruas.

Anália Franco escreve apelando para as mulheres fazendeiras. Uma delas, rica, lhe cede uma casa para instalar uma escola primária, no interior do Estado. Para socorrer essas crianças, a jovem não hesita em deixar seu cargo de professora na capital. Há, porém, uma condição: evitar a promiscuidade de crianças brancas e negras, que Anália repele frontalmente.

Ante a altivez da professora, a gratuidade da casa é recusada. Pagando aluguel, Anália inaugura sua primeira Casa Maternal, passando a receber todas as crianças que lhe batem à porta, levadas por parentes ou apanhadas perambulando.

Ao ver sua casa transformada num albergue de negrinhos, a fazendeira resolve acabar com aquele "escândalo" em sua fazenda. Valendo-se do prestígio político do marido, consegue facilmente a remoção da professora.

Anália aluga, então, uma casa velha na cidade e paga de aluguel metade do seu salário. Como o restante é insuficiente para a alimentação das crianças, sai pessoalmente pedindo esmolas, com o grupinho escuro que chama, em seus escritos, de "meus alunos sem mães". Moça e magra, modesta e ativa, Anália Franco, impressionante figura de mulher, que mendigava para filhos de escravas, torna-se o escândalo do dia ao aparecer nas ruas com seu bando num domingo de festa religiosa.

Católicos escravocratas e monarquistas a vêem como uma mulher perigosa e começam a considerar seu afastamento da cidade. A favor de Anália, porém, ergue-se um grupo de abolicionistas e republicanos.

Vocação para educar

Com o decorrer do tempo, e tendo deixado algumas escolas maternais no interior, Anália Franco vem para a capital onde passa a integrar brilhantemente o grupo abolicionista e republicano. Sem pretensões políticas, sua preocupação maior é com as crianças desamparadas, o que a leva a fundar uma revista própria, *Álbum das Meninas*, cujo primeiro número surge em 30 de abril de 1898.

O advento da nova era inaugurada com a abolição da escravatura e a República encontra Anália com dois grandes colégios gratuitos para meninas e meninos. E, logo que as leis o permitem, ela, secundada por vinte senhoras amigas, funda, em 17 de novembro de 1901, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva, com sede no Largo do Arouche.

Em seguida, cria várias escolas maternais e escolas elementares. Em 25 de janeiro de 1902, inaugura solenemente o Liceu Feminino, com a finalidade de instruir e preparar professoras para a direção daquelas escolas.

Publica numerosos folhetos e opúsculos pedagógicos, além de tratados especiais sobre a infância. Em 1º de dezembro de 1903, lança *A Voz Maternal*, revista mensal com a apreciável tiragem de 6 mil exemplares, impressa em oficinas próprias.

Mantém, na capital e no interior, 37 instituições, entre escolas elementares, maternais, creches, bibliotecas, cursos profissionalizantes, de línguas (francês, italiano, inglês e alemão), de artes e de artesanato. Escritora, publica romances, peças teatrais e poesias.

Em 1911, adquire uma chácara de 75 alqueires, onde funda, sob direção feminina, a Colônia Regeneradora D. Romualdo, que recebe os garotos mais aptos para a lavoura, a horticultura e outras atividades agropastoris, recolhendo ainda moças desviadas e regenerando centenas de mulheres.

Mérito inegável

Espírita fervorosa, com inusitado interesse pelas coisas atinentes à Doutrina Espírita, Anália Franco implantou uma vasta sementeira de 71 escolas, 2 albergues, 1 colônia regeneradora para mulheres, 23 asilos para crianças órfãs, 1 banda musical feminina, 1 orquestra e 1 grupo dramático, além de oficinas para a manufatura de chapéus e flores artificiais entre outros acessórios, na capital e em 24 cidades do interior. Incontestavelmente, sua obra é uma mais destacadas e meritórias da história do Espiritismo.

Sua desencarnação ocorre em São Paulo, no dia 13 de janeiro de 1919, precisamente quando decide ir ao Rio de Janeiro fundar mais uma instituição. Posteriormente, seu marido, Francisco Antônio Bastos, concretiza essa intenção ao fundar ali o Asilo Anália Franco.